



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br/)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



### Limites à mundividência na formação do psicanalista: a topologia e o paradigma paterno na psicanálise

Limits to worldview in the formation of the psychoanalyst: the topology and the paternal paradigm in psychoanalysis

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.2908

ARK: 57118/JRG.v9i20.2908

Recebido: 02/02/2026 | Aceito: 04/02/2026 | Publicado on-line: 05/02/2026

Lucas Wagner Brígido Feitosa<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0005-7330-4632>

<http://lattes.cnpq.br/3944702690009498>

Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil

E-mail: [lucaswagnerbrigidofeitosa@gmail.com](mailto:lucaswagnerbrigidofeitosa@gmail.com)



### Resumo

Este artigo resulta de uma inquietação diante do apagamento da dimensão da aposta na psicanálise no atual contexto da falsa democratização da disciplina, a qual resulta numa transmissão mercadológica dessa prática. O texto parte da noção de incompletude dessa área topológica desde Freud, com uma definição que não apaga sua recolocação em questão mesmo através do uso do artifício topológico, pois a topologia não fornece uma mundividência. Para tanto, um exame da relação entre psicanálise, ciência e topologia será feito. A metodologia da pesquisa segue a trilha da vinculação entre prática, clínica e teoria, recolocando assim a topologia como limitada pela dimensão sexual da psicanálise, em sua teorização e prática. Além disso, será abordada brevemente a história da psicanálise lacaniana em solo brasileiro e alguns percalços que psicanalistas tiveram diante da mesma e do paradigma paterno que paira em qualquer dispositivo que julgue fornecer uma formação em psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Mundividência; Topologia; Paradigma paterno; Formação do psicanalista.

### Abstract

*This article stems from a concern about the erasure of the dimension of commitment to psychoanalysis in the current context of the false democratisation of the discipline, which results in a market-driven transmission of this practice. The text starts from the notion of uncompletedness in this topological area since Freud, with a definition that does not efface its repositioning in question even through the use of topological artifice, for topology does*

<sup>1</sup> Graduado em psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), possui mestrado em psicologia pela UFC, é doutorando em psicologia pela UFC. Professor do Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe. Membro da formação permanente do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, seção Fortaleza.



*not provide a worldview. To this end, an examination of the connection between psychoanalysis, science, and topology will be conducted. The research methodology follows the trail of the linkage between practice, clinic, and theory, thus relocating topology as limited by the sexual dimension of psychoanalysis, in its theorisation and practice. In addition, the history of Lacanian psychoanalysis in Brazil will be briefly addressed, as well as some of the setbacks that psychoanalysts have faced in relation to it and to the paternal paradigm that hangs over any device that claims to provide formation in psychoanalysis.*

**Keywords:** *Psychoanalysis; Worldview; Topology; Paternal paradigm; Formation of the psychoanalyst.*

## 1. Introdução

Parto de uma inquietação para a presente escrita: a perplexidade diante do apagamento da dimensão da aposta na psicanálise com as tentativas de criação de graduações em solo nacional ou de cursos visando à facilitação e à democratização da área com um fim mercadológico. O inconsciente, de fato, não é nada democrático – diferença em jogo –, e a disciplina criada para a sua escuta é marcada por aquilo que Sigmund Freud chama de uma *Unvollständigkeit*, uma incompletude, atrelada à construção da feitiçeira metapsicologia, como ele a chamava. Tal característica é associável à *béance*, hiância, de Jacques Lacan, e ao que Magno Machado Dias, psicanalista brasileiro, também conhecido como MD Magno, traz como uma brecha. “Isto é fazer confiança ao Outro, é respeitar o Outro, simplesmente ser tão falho e faltoso quanto ele” (MAGNO, 2009 [1979], p. 18).

Neste ponto, é memorável a dica lacaniana: “Freud e Lacan não são pares no ser. É pela letra que eles acharam no Outro que, como seres do saber, eles procedem dois a dois num Outro suposto.” (LACAN, 2008 [1972-1973], p. 104). Esse Outro, tesouro dos significantes, incompleto, furado, mantém a abertura do quadro metapsicológico freudiano. A preço do ser, na via da falta-a-ser, opera-se o trabalho de uma psicanálise, a qual traz à tona uma aposta, isto é, há um investimento singular que cada analisante engaja quanto à análise pessoal; além disso, na psicanálise, não há garantias fixas; essa experiência não vende promessas: a cura, quando comparece, vem por acréscimo, só depois de trabalho analítico. Para além do próprio tratamento, a formação de analistas é um trabalho que evoca a dimensão supracitada da incompletude. Um curso, na contramão, precisa ter um cronograma fechado, seguido de forma paulatina, que pode acabar por ler a atemporalidade do inconsciente como arredia.

A metodologia para a redação do presente artigo segue a dica de Pura Haydée Cancina (2008), que pontua que pesquisar em psicanálise não desata prática, clínica e teoria. A elaboração do presente texto, portanto, engaja os pesquisadores a refletirem suas experiências clínicas, entre os pares sempre tão ímpares, singulares. Com essa preocupação em vista, é que teço a respeito do limite do investimento na topologia e na paternidade diante da psicanálise.

Sabe-se, do próprio punho de Freud (1940 [1923], p. 211), que a psicanálise é uma investigação, um tratamento e uma nova disciplina científica. Com MD Magno, podemos observar a psicanálise sendo lida como uma arte através da invenção permanente da metapsicologia; como uma ciência por meio de uma investigação permanente; e também é um pensamento (MAGNO, 2021 [2014], p. 123). Sobre esse último aspecto, o autor aponta a diferença da psicanálise para com outros pensamentos: “ela construiu um modo de operar que destrói por dentro qualquer formação que se pretenda ideológica. [...] Lacan deu a melhor definição do que seja a psicanálise. [...] ‘A psicanálise é a pergunta o que é a psicanálise?’” (MAGNO; MEDEIROS, 2020 [2013], p. 171).



Lacan ter sustentado a questão analítica é algo que nos remete ao que MD Magno explicita em seu seminário “O Pato Lógico”, de 1979: a psicanálise “não parte de um supositório, mas de uma suposição” (MAGNO, 2009 [1979], p. 37). Falta suposta, incompletude em cena. Não é um discurso para tapar furo; falta um pedaço no texto do falante, ou seja, *das Ding* falta. Não falta a mãe, não falta o pai, o que falta é aquilo. Diferentemente dos modelos supositórios, tal operação tapa-buraco não cabe para a via do inconsciente. Para isso, não há modelo; há algo mais forte que o “eu forte”, mais ainda: como bem canta Caetano Veloso (1994) na canção “pecado”, dos compositores Enrique Francini e Armando Pontier, sobre amor, “*es más fuerte que yo*”, recuperando no proibido aquilo que é do impossível. Tal via pecaminosa evoca o desejo diante dos modelos supositórios, de um paradigma de como gozar - tal, não existe! É por não haver proporção igualitária, univocidade não há, é por não haver relação sexual que o ser falante trepa (e se estrepa). Por falar em pecado, original ou não, brinco: o dogma faz a heresia. Há dogma na história da psicanálise? Os considerados hereges do próprio “movimento” - termo caro para Ernest Jones - psicanalítico na época de Freud são Otto Rank e Sándor Ferenczi. Tal discussão está presente no livro de Moustapha Safouan (2023), “a psicanálise: ciência, terapia – e causa”, publicado originalmente em francês no ano de 2013. Os dois hereges publicaram, em 1924, um texto sobre “os objetivos do desenvolvimento da psicanálise”, em alemão, “*Entwicklungsziele der Psychoanalyse*” (Ferenczi & Rank, 1924); o título em francês, mal traduzido, é “perspectivas da psicanálise”. É importante mencionar que os dois estavam colocando a psicanálise em questão - assim como Lacan colocou e foi, segundo sua própria leitura, excomungado - para avanço, para desenvolvimento. Freud vestiu a toga, tomou a questão para si e reatualizou o questionamento de Eugen Bleuler sobre um “certo dogmatismo” (SAFOUAN, 2023, p.75) freudiano. Por situar os objetivos, as metas, do desenvolvimento do método psicanalítico, os dois ficaram numa posição que associa à posição de Lacan na França e à localização de MD Magno em solo nacional como um herege legado ao ostracismo diante da zorra do movimento psicanalítico mundial. De certa forma, Freud também aparece como herege de sua obra para alguns freudianos mais freudianos que o próprio, numa tomada superegógica da obra (DIDIER-WEILL, 1988).

Diante dessa zorra toda, esperou-se de MD Magno que ele fosse um ponta de lança de um Movimento Lacaniano Brasileiro para a construção de uma escola única (MAGNO; MEDEIROS, 2020 [2013], p. 103). Tal imperialismo francês também atingiu Recife e São Paulo. Buscou-se alguém para ser o representante de Lacan, numa transmissão da psicanálise por via de filiação irmanada com possíveis herdeiros se destruindo para saber quem vai ficar com o quê. Sabemos que também a IPA, a *International Association of Psychoanalysis*, posiciona-se como a representante do pensamento de Freud, o pai da psicanálise. O que se vê: quanto mais se quer filho legítimo, mais bastardo. Fora do casamento ideal, o qual não há: difícil experiência das fórmulas quânticas lacanianas. Bastardos em busca de um pai que não há! Articulemos a questão com Ivan Corrêa: “O enunciado lacaniano ‘não há pai, há somente uma função paterna’ corresponde à questão freudiana: ‘o que é um pai?’ A saber, que só há pai morto.” (CORRÊA, 2012, p. 44). Algo curioso parece acontecer: é mesmo quando o pai morre, reatualizando isso que nunca houve, que o seu fantasma vem atormentar a manada dos irmanados. O adoecimento de Freud, a suposta demência de Lacan, ou, sempre hodiernamente na vida de qualquer família, a briga entre irmãos para saber quem vai ficar com o terreno, com o legado, com os bens, na espreita do adoecimento dos mais velhos ou nem esperando o cadáver esfriar - isso é notável. Pai incerto, *Mater semper certa est*: da herança, bens incertos, mas a dívida é certíssima.



Herdeiro legítimo dos seminários lacanianos, Jacques-Alain Miller fundou impositivamente uma Associação Mundial de Psicanálise dissolvendo assim vários agrupamentos de analistas brasileiros. Dentre esses grupos, podemos situar o de Márcio Peter de Souza Leite, a Associação Livre-Ensino Continuado, refundado apenas em 2014, após a sua morte. Vários agrupamentos sofreram a agressão desse pai suposto que, “vira e mexe”, retorna à psicanálise, como o real dos astros que retornam ao dito mesmo lugar, na repetitiva dança transferencial - negativa, por vezes - dos “*Repräsen-tanzen*” . Perplexos, parecemos estar assistindo a algo não analisado na psicanálise. Seria esse um limite próprio da análise tal qual um rochedo? Um limite que se explicita nas escolas ou em qualquer outro dispositivo de formação de analistas? A “*Vatervorbild*” (FREUD, 1950 [1938], p. 217), o modelo, ou paradigma, paterno, parece retornar incessantemente. O percurso de uma análise parece ir mesmo desse “pai-radigma” ao paradigma que se saca numa análise: sexual - incompletude, onde se nota como incestuosas as tentativas de sutura da *Unvollständigkeit*. No trabalho de quem lida com a análise, para além da confecção diária do não-saber, há também um luto paterno. Quais impactos têm um representante legal para um ofício laico e leigo? Vejamos como esse enrosco pode comparecer na teorização, pois essa nunca está distante da prática, não promoverá a totalização do quadro metapsicológico, nem alicerçará o totalitarismo de qualquer associação que seja acometida por esse fantasma paterno.

## 2. A topologia não vai salvar a pátria

Legalidade e desejo em cena: as leis do aparelho psíquico entram em contato com a cinética que o desenha - trilhamentos [*Bahnungen*] e investimentos ou ocupações [*Besetzungen*]. Uma economia está na base dos desenhos topológicos. Com Ivan Corrêa (2009), podemos situar uma metodologia topológica já em Freud, com o destacamento de invariantes na leitura do processo primário, aquilo que é chamado de “a música” por MD Magno (2010 [1982]), ou seja, os mecanismos de condensação [*Verdichtung*] e de deslocamento [*Verschiebung*]. A alíngua [*lalangue*] opera na singularização dessa música: cada um tem a sua música na atemporalidade do inconsciente - a topologia freudiana. Esse instrumental dançante do inconsciente com condensação e deslocamento, isto é, com os invariantes, fornecerá o tom para o raciocínio metapsicológico. Um psicanalista não pode se furtar à tarefa da metapsicologia, muito menos “meter” psicologia em tal suposição. Sustentemos a questão: O que é a psicanálise? Até que ponto a teorização por via da metodologia topológica pode responder a essa pergunta sob o risco de queimar a feiticeira?

As regras ou as leis da “lógica de borracha”, retomando uma elaboração de Lacan (1995 [1956-1957], p. 397), apontam para uma teorização aberta, para aquilo que Freud situou como uma rigorosa arte do esboço que vem “só-depois”, utilizando a expressão trazida por MD Magno para fazer a localização brasileira da *Nachträglichkeit* freudiana, do *après-coup* lacaniano. Com Paul-Laurent Assoun (1996), podemos defender a ideia de que a reescrita indefinida da coisa clínica remete o analista ao exercício de *Nacherzählung*, uma releitura, uma recriação do relato, *Erzählung*, sintomático atrelado à particularidade sexual em análise. O analista faz render: ele explicita que se pode reenredar o já enredado, e que, de rearrumação em rearrumação, algo novo pode surgir: aqui está a dimensão da aposta! O desejo de fechar o quadro dá de cara com os limites teórico, prático e clínico. Como, apesar desse limite, trabalha-se? Por que alguns limites são estagnantes para alguns analistas? Aqui parece estar a base de um avanço de MD Magno falando de impossíveis modais em contraposição a uma impossibilidade absoluta (MAGNO, 2008 [1999]). Os primeiros podem se tornar possíveis sim. É notável o limite em Freud com *das*



*Ding*; em Lacan com o Real; e em MD Magno com o Não-Haver. Na teorização deste último: se Não-Haver não há, o Haver, ao querer Não-Haver, quebra a cara e retorna - dissimetria radical, quebra de simetria. Os três limites, a meu ver, situam-se na criação freudiana, no seu *Grundbegriff*, conceito fundamental, no qual os três outros situados por Lacan - inconsciente, repetição e transferência - podem ser submetidos: Pulsão, *Trieb*. O paradigma da psicanálise é sexual, e a sexualidade humana é des-naturada, é pulsional.

As teorizações, por mais topologizantes que sejam, precisam notar esse *pas-tout* lógico - pato lógico - daquilo que se feticiza tanto em psicanálise: o falo. A teorização é não-toda fálica. Com a topologia, podemos notar as leis que regem o inconsciente: condensação e deslocamento. No entanto, ela não salva ninguém do desejo - a cinética da máquina louca que quer sempre outra coisa, não apenas enantiomórfico, mas catóptrico (avessamento radical). Aqui a topologia não dá conta, a não ser que se observe de modo psicanalítico que é preciso pensar o sexo da topologia como MD Magno (2010 [1982]) explicitou. No entanto, ferida narcísica em jogo, ao se fazer isso, considera-se uma barra na teorização topológica; ora, esse é mesmo o primeiro elemento daquilo que ele traz como a lei do inconsciente - “sexus, plexus, nexus: lexics”, ou seja: barra, condensação e deslocamento - os três elementos da lei do falante. É barra: a via de acesso não é de livre trânsito, há deformação daquilo que é substituto do que sumiu. Em outros termos: não havendo *das Ding*, há pensamento inconsciente. Se houvesse aquilo, seríamos animais - não que a neurose e os sintomas não tentem operar em aproximação deles. “Aliás, macaco é gente séria. Nós, os hipermacacos, é que não temos programação definitiva.” (MAGNO; MEDEIROS, 2020 [2013], p. 217). A *Unvollständigkeit* freudiana retorna do rechaço da deliração teórica quando se tenta obliterar o quadro metapsicológico definitivamente.

É importante lembrar que qualquer borracha, mesmo a da lógica da borracha, não apaga traços daquilo que é registrado. A pulsão lida com a verdade, nos registros da herança arcaica, do assassinato do pai, que os irmãos comemoram e projetam no analista que será destituído após análise. Aqui podemos situar também a identificação imaginária que, por vezes, pode atravancar um processo de análise e não parece estar muito distante de uma transferência negativa, num ódio - anterior ao amor. Através da construção metapsicológica, Freud (1950 [1939], p. 207) diz que os traços, ou vestígios, mnêmicos, *Erinnerungsspuren*, estão na herança arcaica: o que explicita a indissociabilidade entre psicologia individual e a das massas. Podemos ler aqui também o coletivo como formação do inconsciente (POMMIER, 1989). O instinto, *Instinkt*, dos animais correspondem à herança arcaica dos humanos, ainda que com amplitude e conteúdo diferentes (FREUD, 1950 [1939], p. 208) - vemos como a teorização do *Trieb* freudiano parece ir bem além do que geralmente se concebe. Aqui parece se encontrar uma das bases da ideia de creodo de MD Magno: o caminho obrigatório do sintoma de nossa espécie - ora, se é formação, tem caminho. Sobre formação em Magno, refiro-me à teoria das formações, a qual é uma ideia nova que permite raciocinar para além da ideia de sujeito e de eu. Elas são constituídas de polo, foco e franja. Há transa e agonística de formações (MAGNO, 2008 [1999]). Freud (1950 [1939], p. 217), além disso, pontua os traços do pai [*Vaterzüge*], aquilo que presumivelmente se expõe nas construções de agrupamentos de psicanalistas e no movimento de atravessamento teórico e clínico que cada analista precisa fazer.

A tentativa de fazer uma “macro-teoria” (MAGNO, 2009 [1979], p. 39) - termo que MD Magno inventa através do que Pierre Soury chamava de “grandes teorias” - por via da topologia precisa ser advertida de, no mínimo, três coisas: 1 - ela própria apresenta uma segurança anti-delírio por não ficar somente no campo da representação, e mantém a enunciação de pé; 2 - ela não irá salvar a pátria e resolver a psicanálise; 3 - ela jamais irá obliterar o amor ao pai. As duas primeiras são advertências de MD Magno (2009 [1979]),





p. 49); a última é minha através do seminário sobre a identificação de Lacan (2003 [1961-1962], p. 157), no qual ele fala: “não se é sujeito do amor; é-se ordinariamente, normalmente, sua vítima”. Esse “pai-radigma”, como verto a *Vatervorbild*, parece ficar pairando na psicanálise. Àquilo que Freud, em busca de poder, fala de Rank, a respeito de seu pai na sua obra, pergunto: ora, mas cada um não está dando um destino a seu pai na obra através da qual se faz? A obra é que faz o artista; e diante das obras, nossa posição é de analisante: tal discussão sobre “obrações” e “obradas” está no seminário “Senso contra censo” de MD Magno (2009 [1976]). Não seriam essas as “pai-versões” tão pontuadas por Lacan em seus últimos seminários? A hiperfalicização teórica não estaria buscando repelir a ideia do assassinato do pai, tornado zero (do pai à função paterna) semelhante ao falo, na construção da realidade sempre psíquica? Não haver o pai não seria algo que se lê da relação da religião do pai com a religião do filho como Freud (1950 [1939]) escreve sobre as religiões poderosas de sua época e que parecem perder seu grande domínio atualmente? Conversão e reconversão para mudar o nome do pai, por exemplo, ocorre com Rank, originalmente Rosenfeld. Ou melhor: não mudar, mas destinar ao pai um novo nome. O anúncio da psicanálise: não há boas-novas, isto é, não há salvação - e, mais, ainda, há um assassinato em jogo. Quem vai pagar o pato? Mundividências [*Weltanschauungen*] tentam fechar as questões - mas aí, além do assassinato do pai ainda queimaríamos a bruxa. Por vezes, buscadas através de teorizações topológicas, as visões de mundo parecem esconder nossa divisão de mundo.

### 3. As “pai-versões” e o paraíso perdido

O mundo não é dividido, mas o eu é. A “di-visão” de mundo parece ser aquilo que se tenta encobrir nas mundiais, universais, da psicanálise - o que estou chamando de “pairadigma”. Tendo em vista que uma mundial de psicanálise é uma tentativa perversa, é notável que é preciso recuperar a história da psicanálise com suas transferências em jogo, ou melhor, a história das transferências em psicanálise. Os pedidos não escutados de análise, por exemplo: de Freud a Fliess; de Rank a Freud (SAFOUAN, 2023). Como ouviríamos o “não é isso” de cada transferência que a possibilita se tornar em transferência de trabalho, possibilidade de condescender o gozo ao desejo? Como ouviríamos a letra amorosa inscrita, paterna?

Para além disso, os pais da psicanálise também erram. O luto desse ideal é notável na análise; e ver a história do movimento pode assustar à primeira vista. Muita briga, muita discussão, e cada um querendo sua parcela de poder: o que se busca numa análise. É tanto que o dito neurótico não pode conseguir uma coisinha qualquer que, muitas vezes, já abandona a análise - uma lástima, porque poderia conseguir muito mais. A análise, nesse sentido, é o tratamento mais rápido de todos os tratamentos oferecidos em nossa época. Ela só é demorada para aquele que queira se tornar analista. Afinal, o inconsciente é inesgotável. Um susto posterior ao se estudar esses endereçamentos é: como, apesar disso, tal ciência continua? “Formações em agonística” - com essa expressão, estou querendo operacionalizar não apenas a problemática das formações nos agrupamentos analíticos como também apontando para a “teoria das formações” de MD Magno (2008 [1999]) que considera o poder do que ele chama de formações - que remontam justamente às pulsões. Estou apontando para a sexualidade humana: dissimétrica, pois *unvollständige*, isto é, pulsional, falta um pedaço no texto do falante: tal é falhado, falado, falido e falente (*parlêtre* de Lacan).

Não sacar a ideia de que do amor não se é sujeito pode limitar uma análise. O “muro da transferência” (POMMIER, 1998) precisa lidar com as identificações em jogo. Ofício impossível o do analista que percebe sempre um resto geográfico naquilo que se esperava



topologizado. Uma transferência topológica (DIDIER-WEILL, 2006) é buscada. “Transferência com o impossível” em contraposição à “transferência com o nome de Freud”. Indo um pouquinho além de Didier-Weill, poderíamos colocar: uma transferência com os nomes do pai? Na UniverCidadeDeDeus (UD), associação cultural surgida em meio às transferências no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (CFRJ), MD Magno também destaca seu medo do que ele está fazendo, a nova psicanálise, tornar-se uma igreja que nem ele vê naquilo que chama de “religiões ‘psicanalíticas’”: lacaniana, freudiana. “A igreja lacaniana já é internacional, igual à Universal do Reino de Deus” (MAGNO, 2021 [2014], p. 271). Seria esse um credo das formações em psicanálise? Note bem: Lacan dissolveu sua escola antes de morrer. Não creio que ele tinha em mente um ideal de escola, mas sim a destituição desse lugar de mestria: aponta para o impossível na escola, impossível da formação, sempre contínua, permanente. “Não é isso” - tal histórica, aponta para a dimensão do trabalho de cada um. A escola não pode se responsabilizar pela transferência com o impossível (DIDIER-WEILL, 2006) - cada um que se responsabilize por seu trabalho. Tal enrosco parece ser correlato ao do analista que fala “esse é meu analisante”. O analisante não é seu, nem de ninguém!

Algo que se pode depreender dessa questão da identificação entrelaçada com a transferência é a importância da formação permanente, *work in progress*. A via do desejo é uma alternativa ao assujeitamento amoroso. Os *Vaterzüge*, tracinhos do pai, parecem estar vinculados ao real das batalhas perenes nos agrupamentos psicanalíticos: explosões dentro e fora, moebianamente. Portanto, não acusemos tão somente a psicanálise de tal problemática: a psicanálise só explicita aquilo que está recalcado no coletivo. Qualquer associação precisará lidar com a assassinada havência paterna, assaz assinada carta de amor. A história não é nada doce, mas qualquer sabor só comparece na transa das formações. O luto do “paradigma” é consentâneo ao paradigma sexual. Uma invenção singular do paradigma é uma aposta da análise: nossas pai-versões em jogo. Mesmo que se inventem novos agrupamentos, eles não poderão deixar de lidar com essa questão. Pois tanto a topologia histórica (que sai de um lugar e vai para outro falando mal de um, depois do outro, e vice-versa) quanto a topologia obsessiva (não vai nem para um, nem para outro, suspensão de ato) gozam fodidos pelo pai que construíram. Lembrando-se de que uma escola não pode se responsabilizar pela transferência com o impossível (DIDIER-WEILL, 2006), articulemos com Gérard Pommier (1989), que, evocando a solidão e o desamparo, explicita o incesto com relação à mãe que “te fode no fundo de teu desastre com um pau que és tu mesmo, um pau que tem tua aparência” (POMMIER, 1989, p. 89). Encarregar-se da própria infelicidade do destino - leia-se: desejo - sem apelar para nenhuma divindade é uma questão. Não se pode se esconder do desejo. Neste ponto, aproximo-me de duas concepções de MD Magno: a de que ninguém abre, de fato, mão do seu desejo; e a de que o estatuto da psicanálise é místico - o grande mistério é que mistério não há. Ele geralmente brincava falando da deusa suprema que seria a “Kaganda landanda”. Artigo da seguinte forma: à “infeliz-cidade” dos neuróticos, estacionários, onde sempre um encontra outro que goza mais, a psicanálise aponta para a aparência disso tudo - é enganoso, equívoco há.

Não há conciliação fácil entre a transferência com o impossível e a transferência com o nome. A psicanálise precisa estar advertida disso. Um artista em criação precisa de momentos de solidão; porém, em solidão não se vive, o Outro está sempre aí, lá e acolá - isso é claramente notável principalmente nas escutas de psicóticos (por exemplo: casos persecutórios). A pai-versão de cada um está em cena: o “golpe de espelho” (MAGNO, 2009 [1979]), isto é, a castração, opera nas três folhas - Real, Simbólico e Imaginário - promovendo uma reamarração dos registros com o *sinthoma* de cada um. Em outros



termos: toda sexualidade é perversa. O padrão é o falo, e esse ninguém tem, nem é, pois nem há.

No real dos combates nos agrupamentos analíticos - escolas, colégios, associações, coletivos, qualquer nome que seja, porque, para essa questão, não importa o nome, mas o impossível, a transferência com o impossível -, é importante frisar a dimensão do trabalho em tais espaços geográficos, pois ele permite: a sobrevivência da psicanálise; a manutenção da questão do que ela seja; e o espaço para a surpresa nas reinvenções. Essa dimensão é o que possibilita passar da geografia do corpo para a topologia do corpo. Tal aspecto evoca justamente o peso da aposta na psicanálise, e que salvação, para a psicanálise, não há. Não haver nada garantido, isso não seria uma das formas mais interessantes que a psicanálise tem de lidar com as garantias das modalidades do gozo de cada um, do sofrimento particular de que não se abre mão por serem também conquistas singulares? Utilizar-se dos próprios mecanismos do psiquismo está na base do tratamento analítico qualquer que seja sua pai-versão. Assim como o delírio é lido como uma tentativa de cura do próprio psiquismo e não será obliterado, o gozo também não pode ser simplesmente descartado do cálculo, pois são conquistas pessoais. Construindo uma cadeia de outras coisas pode surgir algo novo, outras formas de se utilizar do gozo. Há conquista em análise. Pai-versões em cena, não fomos expulsos de algum um paraíso? No que se busca salvação - num paraíso, em um definitivo, em uma concepção de mundo definitiva -, a incompletude se apresenta. O “para-isso” não ocorre, nem socorre. Isso não para; *Trieb, konstante Kraft*, força constante. As cisões e rupturas no movimento evocam quase sempre a imagem de ser expulso de algum paraíso perdido. Mas tal não seria construído só-depois da expulsão em nostalgia do que nunca foi? Trauma em dois tempos, falta suposta. As pancadas que os pais da psicanálise levaram não foram poucas: o que se espera dessas figuras tornadas semblantes de pai? É muita transferência para lidar. Quando morrem, piora. O que os analistas tanto esperam em agrupamentos? Questão perene. Não há salvação para a psicanálise, não havia, nem haverá. Do quadro teórico, o definitivo é que não há definitivo. Dicotomicamente, em divisão de mundo: se notamos um paraíso, as chaves estariam no inferno? *Acheronta movebo* - Freud parece ter despertado a humanidade à questão da deliração de cada um, em sonho. Uma ferida narcísica grave às pessoas ditas normais. Precisamos levar esse despertar também à atividade de teorização, e aos agrupamentos que, em suas singularidades, jamais serão mundiais, universais, de reino de deus algum. As águas da bruxa metapsicológica banharam o corpo freudiano (ASSOUN, 1993, p. 43). Se a topologia é uma tentativa de lidar com esse corpo teoricamente é por estarmos despertos e em acordo quanto ao que extrapola o espaço do analisável: limite de transmissibilidade, limite clínico-teórico. Tal limite convoca ao trabalho; não-saber e querer saber.

#### **4. A topologia não é uma mundividência: adendo e aprofundamento topológico**

Parto em direção às bases da topologia lacaniana na psicanálise. Como a transa analítica não é matemática (DIAS, 2021 [2019], p. 107-8; LACAN, 2022 [1972 - 1973]), analisaremos, não na matemática, mas na própria psicanálise, os fundamentos de tal desenvolvimento lacaniano. Estamos distantes da matemática como um ideal de ensino, levando em conta a antimatemática (MILNER, 1996, p. 135) - através do nó (desvio de letra) -, a qual explicita um furo nesse ideal, ou seja, não há transmissão sem perdas. Essa barreira ao ideal de ensino parece exibir seu alicerce naquilo que a psicanálise rememora a respeito das mundividências - inconvenientes não só para a psicanálise, mas também para a ciência.





Segundo Freud (1940 [1933]), a mundividência [*Weltanschauung*] é uma construção intelectual que soluciona de forma unitária todos os problemas. Tal construção parte de uma hipótese geral e não deixa questão alguma em aberto. Aqui é salutar trazer para nossa articulação o drama histórico do freudismo (ASSOUN, 1991, p. 35-6), o qual se refere à psicanálise ser tomada como uma mundividência influente na época. Abrindo mão de uma avaliação da psicanálise em seu objetivo e em seu conteúdo, o que entra em cena com tal visão é um modismo e uma posterior obsolescência. Perde-se o aspecto de compreensão do mundo [*Weltverständnis*], o qual foi arduamente trabalhado por Darwin e Freud (ASSOUN, 1991, p. 49-50), fazendo com que o humano precisasse se ressituar no mundo vivo e no psíquico respectivamente, afastando-se de uma intuição especulativa mundividente.

A psicanálise não necessita mesmo de uma mundividência (FREUD, 1940 [1933], p. 197), ela é uma parte da ciência [*ein Stück Wissenschaft*] e pode se associar ao que Freud chama de “mundividência científica”. No entanto, ele traz ressalvas para essa expressão tendo em vista que a ciência é incompleta. A ciência não contempla tudo, não levanta nenhuma pretensão de unidade coesa, nem de construção de sistema; ela, embora tenha ênfase no mundo externo real, exhibe traços negativos com modéstia em relação à verdade, rejeita ilusões.

A ciência por conta de seu gosto pelo unilateral [*Einseitigkeit*] acaba por também se revelar incompatível com a mundividência. O que está em jogo é uma incompletude com representações auxiliares abertas à revisão (*open to revision*) (FREUD, 1948 [1926], p. 221). Ao se mostrar constitucionalmente incapaz de uma mundividência, a psicanálise exhibe à ciência que o desejo de tamponar toda falta com uma explicação mundividente é impossível, atuando assim como um “supereu da ciência” (ASSOUN, 1996, p. 29), para que os cientistas não operem simplesmente pelo princípio do prazer. Esses aspectos mundividentes precisam ser analisados quando lidamos com a topologia da psicanálise.

Voltemos à interlocução entre psicanálise e topologia. Embora Freud não tenha falado de uma topologia, segundo Ivan Corrêa (2009, p. 140), Freud se utilizou de uma metodologia topológica, a qual consiste na depuração de invariantes (não desarticulados de uma tropologia - *tropos*, desvios da linguagem) e articulação da atemporalidade do inconsciente (espaço e tempo em jogo). Ao analisar as formações do inconsciente, Ivan Corrêa (2009) pontua que os invariantes tropológicos são condensação e deslocamento. *Tropos, trouver* (LACAN, 1998 [1957], p. 509) - Lacan articula metáfora e metonímia desses achados, os invariantes freudianos. Estamos diante de uma lógica, de uma lei operando, de modo que podemos concluir: o inconsciente não é algo puramente caótico. Segundo MD Magno (2010 [1982]), a lei do inconsciente é articulada: (1) “*sexus*” - partição, dissimetria; (2) “*plexus*” - aglutinação, condensação, metáfora, complexo, compactação; (3) “*nexus*” - junção, deslocamento, metonímia, conexão, mudança; e aí estaria a “*lexics*”, a lei do inconsciente - “*sexus, plexus, nexus: lexics*”. Peço licença para a pequena brincadeira: não é interessante tratar como ilógico algo de uma “lógic’outra”.

Os invariantes são a base da metodologia topológica freudiana. Eles são trazidos do singular da clínica. É a topologia que permite uma teorização diante da experiência clínica (CORRÊA, 2009, p. 139). Isso desembocará, para Freud, na construção, em pós-escritura, daquilo que será a coerência intrínseca de sua jovem ciência, ora, a psicanálise *fara da se*. Esse lema, de acordo com Paul-Laurent Assoun (1991, p. 36), é uma reivindicação freudiana da autonomia da psicanálise através da metapsicologia. Porém, como reconheceríamos a coerência interna se rechaássemos o solo científico da psicanálise? Esse além das psicologias clássicas da consciência, no entanto, não prendeu Freud a um ideal de ciência, ora, ele construiu a metapsicologia. Recordemos: uma



descrição metapsicológica apresenta os processos psíquicos em seus aspectos tópico, dinâmico e econômico. A tópica diz respeito aos sistemas, às instâncias, longe de ser um modelo anatômico. A dinâmica é a consideração do conflito entre as instâncias, conflitos pulsionais. Já a economia é o fator quantitativo do aparelho psíquico - fundamento comum que Freud (1948 [1926], p. 221) busca para as psicologias -, ou seja, os investimentos, as condensações, os deslocamentos - aqui encontramos, hipótese minha, o fator metapsicológico que mais explicita a topologia em Freud. O aparelho psíquico é a “ficção metapsicológica por excelência” (ASSOUN, 1996, p. 59), uma ficção prevenida por ser subordinada à lógica de seu objeto.

Segundo Paul-Laurent Assoun (1996, p. 13), podemos definir a metapsicologia como a superestrutura teórica da psicanálise; além disso, é sua identidade epistêmica (coerência intrínseca em jogo); e seu laboratório construído da observação e da escuta clínica. Há uma operação com um certo ficcionamento - jamais desvinculado do material clínico - da ordem de um fantasiar [*Phantasieren*]. A teorização, logo, é ato de pós-escritura dos depurados clínicos e das preferências do pesquisador. O saber clínico está vinculado, através da metapsicologia, ao universal teórico. É importante ressaltar que o procedimento metapsicológico não subjugamos casos a um universal determinante. O que ocorre é “um procedimento reflexivo” (ASSOUN, 1996, p. 50), o qual desenvolve a singularidade da experiência até um certo ponto de cristalização de um saber; e, nesse ponto de cristalização, um certo universal torna-se visível, lisível. Observa-se uma referência a um universal; no entanto, esse é produto de um nó de singularidades, tratando-se assim de um universal dito reflexivo (nota-se o aspecto de perda com relação ao universal determinante). Aqui MD Magno (2012 [2009]) é mais radical: nada de universal, e sim genérico, pois frequência de experiência nada garante de universal. É notável que estamos diante da singularidade no sentido de uma dificuldade para transmissão do tratamento. Há coisas que só analista e analisante (ou analisando) testemunham. A formação sintomática cristalizada tomada para estudo não subjugará a uma lei o particular do sentido do sintoma (de cada um). Estamos diante do impasse entre transmissível e intransmissível.

É notável o esforço de Freud para que a ciência considere o inconsciente. A psicanálise faz parte das ciências da natureza [*Naturwissenschaften*], assim como as ciências humanas [*Geisteswissenschaften*] fazem parte das ciências da natureza. Não se trata de falta de posicionamento na querela dos métodos [*Methodenstreit*], é um monismo epistemológico rigoroso. Ora, se não há uma cisão entre corpo e alma, a separação epistemológica se torna, *ipso facto*, caduca (ASSOUN, 1983, p. 51). Essa separação será sustentada, no entanto, quanto à formação do analista. Não se podendo, segundo Freud (1948 [1927], p. 294-5), nunca prescindir da colaboração das pessoas formadas previamente em ciências humanas. Por sua vez, Lacan além de apresentar a psicanálise numa posição equilibrada entre ciência e não-ciência, também expõe um projeto radical: partir da pergunta ‘é a psicanálise uma ciência?’ até ‘o que é uma ciência que inclua a psicanálise?’ (LACAN, 2003 [1965], p. 195) - ou seja, a ciência é questionada pela psicanálise. Além disso, ele traz uma posição de reserva, segundo Waldir Bevidas (2001, p. 49), nos sentidos de não responder prematuramente se a psicanálise é ciência ou não, e de ter algo reservado para o futuro, numa etapa futura da própria ciência.

Se Freud, com o inconsciente, questionou a ciência de sua época, e com o pensamento inconsciente - dando prosseguimento à questão de Helmholtz, do pensamento sem consciência de si (MILNER, 1996, p. 59) -, apresentou uma pedra no sapato não só para a ciência, mas também para as filosofias que só traziam o aspecto consciente do pensamento, Lacan prosseguirá, por sua vez, trazendo o sujeito para essa



elaboração da desrazão falante. Articulemos com Milner (1996, p. 53): sobre o universo, se a infinitude não o excede num Todo na ciência moderna, se tudo só existe nele, se não há algo fora dele, mas há algo diferente dele, então estamos diante de um problema. Tal será articulado através da teoria do sujeito. Trata-se de um problema de interno e externo, mais especificamente, da topologia da banda de Moebius.

Um ponto criticado por Lacan (1998 [1965], p. 873) é a noção de homem. Ora, se a psicanálise não é nem uma mundividência, muito menos ela teria uma antropovidência. Não há ciência do homem pelo motivo de não haver homem da ciência, de só existir seu sujeito. A linguagem é o que será trazido como corte maior para estudo do sujeito. É importante notar que sujeito da ciência e o da psicanálise são apenas um com o sujeito do significante (MILNER, 1996, p. 116). A psicologia, em contrapartida, desconhece a inexistência do homem da ciência. Diferente do movimento humanista, a psicanálise desconstrói o conceito de homem, de natureza humana. O que a psicanálise não cessa de evidenciar é que esse dito homem é um ser “des-naturado” (CORRÊA, 2001, p. 22) e que seu sintoma é um paradoxo. Além disso, no inconsciente não há paradoxo; o conflito sintomático é entre instâncias.

O que se observa na incursão de Lacan nas matemáticas é também o próprio *fieri* da ciência moderna diante delas. O galileísmo ampliado (MILNER, 1996, p. 77) de Lacan, por exemplo, tem por base uma matematização estendida. A linguagem como objeto inédito é diferente do galileísmo antigo, onde as letras não são as da medida, são as de um cálculo, mas não se estende a objetos como a linguagem; a matemática é levada ao literalismo absoluto. Já o bourbakismo em Lacan diz respeito à autonomia da matemática em relação à ciência galileana: a essência da matemática não é a quantidade e existe uma lógica sua. Diferente de Koyré, onde a matemática era serva da matematização, devendo ser entendida no sentido da quantidade e não se considerava uma lógica própria. A noção de letra foi fundamental para trazer à cena o matema: átomo de saber. Os matemas são artifícios, não serão utilizados por eles mesmos (CORRÊA, 1997, p. 150). Um exemplo de artifício na matemática é Rafael Bombelli ter colocado raiz de menos 1 igual a  $i$ . Desaparece uma impossibilidade, amplia-se o conjunto dos números e se apresenta um novo campo (CORRÊA, 1997, p. 156). No entanto, Lacan não parou na transmissão conformada ao paradigma matemático, o matema só se sustenta numa configuração bourbakista. O movimento de desconstrução operado pelo nó, desvio de letra, expõe uma antimatemática lacaniana - algo não totalmente literalizável sustenta o literal. Mas é interessante não esquecer os artifícios (o nó não seria mais um?) em seu manejo do impossível.

Importante na consideração dos nós é Pierre Soury, matemático que trabalhou com Lacan em seus últimos seminários. Esse matemático considerava que havia um enriquecimento quando se trabalhava com o aspecto dos desenhos dos nós, e não só com sua álgebra. Como dito previamente no artigo, de acordo com Magno (2009 [1979], p. 41), através do que Soury chamava de grande teoria, com a topologia, tenta-se uma macro-teoria, isto é, uma teoria englobante. O sonho (delírio) científico é com as macro-teorias. Desconfiança, logo, há para com a psicanálise, por causa de seu mosaico teórico (DIAS, 2009 [1979], p. 39-40), e por ela mostrar que A ciência não existe. Ora, não poderíamos ler nessa impossibilidade de macro-teoria a não pretensão à unidade que as ciências precisam (psicanálise como supereu da ciência) sustentar? Através da plurabilidade de desenhos de Soury, é sensível que a coisa se fractaliza de forma que há uma abertura ao não-saber. Diante disso, a relação com a teoria (DIDIER-WEILL, 1988, p. 13) parece sair das vias do supereu em direção ao infinito não-saber. Exibe-se o aspecto criativo da pulsão de morte.



Se a transmissão expõe seus limites, isso invalida pensar que a psicanálise tem seu aspecto científico? Ademais, tudo o que é científico é transmissível? Apenas o que é científico é transmissível? Se houvesse transmissão sem perdas, como haveria novidades? Se a metodologia topológica não forneceu uma mundividência para a construção da metapsicologia freudiana, por que a topologia lacaniana forneceria uma mundividência para a psicanálise?

Não é ciência, muito menos psicanálise, quando o aspecto da mundividência invade a construção teórica. Se a incursão topológica rechaçar a sexualidade (*sexus* - partição, dissimetria, que todo saber é fragmentário), mais distante ela estará não apenas da ciência, mas também da psicanálise. A topologia lacaniana é um recurso auxiliar para transmissão da teoria, e, como tal, é incapaz de uma mundividência. O ideal de ensino e transmissão é um fracasso, o qual abre para uma pluralização de possibilidades - ensinamentos e estilos singulares. A inquietação diante da clínica jamais será tamponada pela topologia.

## 5. Considerações Finais

O presente texto apenas acrescentou a essa ferida narcísica (da incompletude diante do delirado incesto) a questão do luto do pai. A topologia não salva a pátria. Porque não há “o pai”, apesar da aparente carência paterna de muitos. Para qualquer pessoa que venha a se colocar como pai, inclusive, vale como interpretação trazer à tona aquilo que já aprendemos em “banananálise”, com a fruta do pecado: “yes, nós temos banana” (MILAN, 1985). Segundo Geraldino Alves Ferreira Netto (2015), sobre tal congresso das bananas de 1985: “tudo ali cheirava a Dionísio”. O rico simbolismo das bananas incluía também o gesto de “dar uma banana” para os franceses. Ele situa o autoritarismo millerista que acabou por levar a Associação Livre à dissolução.

Uma análise manifesta a ideia de que só há pai morto (CORRÊA, 2012, p.44). Topologicamente, para a constituição da realidade psíquica, o falo se junta ao pai zerado. É possível ler aí o recalque originário, *Urverdrängung*, de Freud, pois é esse zero do falo que, ao ser recalcado, fundará o psiquismo humano. A sequência dos artigos metapsicológicos freudianos é, inclusive, bem acurada nesse aspecto: primeiro Freud calca sua base original na pulsão (ela é anterior); situa, depois, a pedra angular do recalque (segundo artigo) que fundará o inconsciente (esse, só aparece em um terceiro momento); retorna aos sonhos através da metapsicologia e finaliza em abertura com o luto de nossa constituição. Tal teorização é incompleta, e mesmo que se observe uma esperança de que algo no futuro responderá, tal espera não paralisa a construção da metapsicologia; pelo contrário: a incompletude é motor. Não-toda fálica, a topologia não salva a pátria, afinal: o que é um pai? Topologia é apenas um artifício, e pai apenas uma função.

Sobre a inquietação inicial para a escrita do presente texto: da criação de cursos às novas catequeses, é preciso lembrar que a psicanálise “invadiu o Brasil - o verbo é este - pela Argentina” (MAGNO, 2009 [1981], p. 373). Agora, os “psicanalistas” estão tentando fornecer cursos on-line com programas que já sabem aonde a aventura analítica vai dar, dizem facilitar o acesso, democratizar a psicanálise. É a “psicanálise”. Os líderes messiânicos de tais movimentos são geralmente pessoas medusantes. Retornam na imagem o horror aos outros tentando esconder aquilo que ninguém, de fato, tem, nem detém: o falo. Essas medusas parecem operar renegando o horror à castração que uma análise traz à tona: jamais haverá distribuição igualitária entre os sexos. Onde se apela ao pai, a resposta em eco evoca o assassinato que tentam esconder angustiados com a mãe. Mas somos advertidos: apelou para Zeus, já Hera!



## Referências

- ASSOUN, P. L. **Freud e a mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- ASSOUN, P. L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ASSOUN, P. L. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- ASSOUN, P. L. **O freudismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- BEIVIDAS, W. **Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência e estrutura**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2. ed. 2001.
- CANCINA, P. H. **La investigación em psicoanálisis**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2008.
- CORRÊA, I. **A escrita do sintoma**. Recife: CEF, 1997.
- CORRÊA, I. **A psicanálise e seus paradoxos; seminários clínicos**. Salvador: Ágalma; Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2001.
- CORRÊA, I. **Da tropologia à topologia**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2. ed. 2009.
- CORRÊA, I. **Nós do inconsciente**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 3. ed. 2012.
- DIDIER-WEILL, A. **Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1988
- DIDIER-WEILL, A. Por um lugar de insistência. In: JORGE, M. A. C. (Org.), **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.
- FERENCZI, S.; RANK, O. **Entwicklungsziele der Psychoanalyse: Zur Wechselbeziehung von Theorie und Praxis**. Wien: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1924.
- FREUD, S. Der Mann Moses und die monotheistische Religion (1939). In: FREUD, S., **Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, sechzehnter Band**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1950.
- FREUD, S. Die Frage der Laienanalyse (1926). In: FREUD, S. **Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931**. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1948.
- FREUD, S. Nachwort zur „Frage der Laienanalyse“ (1927). In: FREUD, S. **Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1948.





FREUD, S. „Psychoanalyse“ und „Libidotheorie“ (1923). In: FREUD, S. **Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, dreizehnter Band**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1940.

FREUD, S. Über eine Weltanschauung (1933). In: FREUD, S. **Gesammelte Werke, cronologisch geordnet, fünfzehnter Band**: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. London: Imago Publishing Co., Ltd., 1940.

LACAN, J. A ciência e a verdade (1965). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **A identificação**: seminário 1961-1962. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 4**: a relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: Resumo do seminário de 1964 (1965). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. **Séminaire 20**: encore (1972-1973). Disponível em: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Encore-1972-1973,286?lang=fr>. Acesso em: 10 out. 2022.

LACAN, J. **Seminário, livro 20**: mais, ainda, (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 3. ed. 2008.

MAGNO, M. D. **A música**: seminário 1982. Rio de Janeiro: Novamente, 3. ed. 2010.

MAGNO, M. D. **A psicanálise, novamente**: um pensamento para o Século II da era freudiana: conferências introdutórias à Nova Psicanálise (1999). Rio de Janeiro: Novamente, 2. ed. 2008.

MAGNO, M.D. **Clownagens**: falatório 2009. Rio de Janeiro: Novamente, 2012.

MAGNO, M. D. **O pato lógico**: falatório (1979). Rio de Janeiro: Novamente, 3. ed. 2009.

MAGNO, M. D. **Psicanálise e política**: seminário 1981. Rio de Janeiro: Novamente 2. ed. 2009.

MAGNO, M. D. **Senso contra censo**: da obra-de-arte, etc: seminário 1976. Rio de Janeiro: Novamente, 2. ed. 2009.

MAGNO, M. D. **SóPapos 2014**. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2021.

MAGNO, M. D. **SóPapos 2019**. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2021.



MAGNO, M. D.; MEDEIROS, N. **Razão de um percurso** (2013). Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2020.

MILAN, B. **O brincar e a sintomática cultural brasileira**. 1985. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/o-brincar-e-a-sintomatica-cultural-brasileira/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

MILNER, J. C. **A obra clara**: Lacan, a ciência, a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

NETTO, G. A. F. **Congresso Psicanalítico das Bananas**. Associação livre. 2015. Disponível em: <https://www.associacaolive.com.br/blog/artigo/congresso-psicanalitico-das-bananas>. Acesso em: 27 set. 2024.

POMMIER, G. **Freud apolítico?**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

POMMIER, G. **O amor ao avesso**: ensaio sobre a transferência em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

SAFOUAN, M. **A Psicanálise**: ciência, terapia e causa. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras, 2023.

VELOSO, C. Pecado. In: VELOSO, C. **Fina Estampa**. [S.I.]: Philips, Polygram, 1994.